

A VOLTA DO CAPITAL

8

Nos últimos dez dias, as ofertas de bancos de investimentos internacionais para o Brasil lançar títulos no exterior surpreenderam o Banco Central. Segundo o diretor de Assuntos Internacionais, Daniel Gleizer, são ofertas com melhores condições e menos exigências em relação às que foram feitas há um mês pelas mesmas instituições. "Bons ventos estão soprando", comemorou o diretor.

Com o retorno do país ao mercado de capitais, previsto para este mês — exatamente um ano após último lançamento do governo — Gleizer disse que quer indicar parâmetros ao setor privado.

Na avaliação do diretor, isso permitirá que as empresas possam captar recursos no exterior pagando taxas mais baixas. Ele disse também que a partir de agora as emissões serão regulares e com papéis de médio e longo prazo. Descartou, por enquanto, o lançamento de um título mais longo. "O mercado está mais hostil do que há dois anos", afirmou referindo-se ao período em que o governo brasileiro chegou a colocar títulos com prazo de 30 anos no exterior.

No momento, a idéia é pagar o menor preço possível escolhendo propostas e cumprindo os objetivos. "Falar sobre as condições do papel seria como atirar no próprio pé", disse, esquivando-se de dar mais detalhes sobre os títulos que o Brasil pretende lançar.

Até agora, na avaliação do diretor, a política de captação do governo era oportunista. Baseada somente na melhor oportunidade em relação a preço enquanto a nova estratégia considera os diversos fatores. Gleizer destacou ainda que o Brasil poderá seguir um programa de emis-

sões. Segundo o diretor, o programa já está sendo montado por uma equipe técnica do BC junto com o Tesouro Nacional.

Para o diretor do BC, por trás da tranquilidade que o mercado vem demonstrando nos últimos dias, está a aposta de que o governo vai implementar o ajuste fiscal. Segundo ele, o custo de não ter entregue o que foi prometido no passado acabou sendo gigantesco para o país. E incorrer no mesmo erro poderá levar o Brasil a uma situação irreversível.

"O que está por trás dessa questão é saber se um excesso de otimismo ou uma sensação de tranquilidade não levará a uma certa complacência na implementação de outras políticas, que possa trazer algum desconforto. Temos sempre de levar em conta que os mercados estão tranquilos porque estão contando com a implementação do que foi prometido. Há razões para a tranquilidade, mas por trás disso há uma aposta que tem de ser entregue. O governo

tem que entregar o ajuste. Está todo mundo olhando para uma variável só. Essa é uma batalha que vamos ter que enfrentar no dia-a-dia", disse.

INICIATIVA

Para o diretor, de alguma forma, o Fundo Monetário Internacional representa uma auditoria externa ao que está sendo feito no país, já que programa não difere tanto do que o governo apresentou por sua própria iniciativa lá atrás. "O importante é que parte dos capitais que saíram depois do evento Ásia, hoje em dia, estão voltando porque alguma coisa mudou. Mas eles também acreditam que o Fundo é um sinalizador disso tudo. Então, o FMI tem um papel importante a

André Corrêa 26.2.99



DIRETOR DO BC ESTIMA EM US\$ 42 BILHÕES O TOTAL QUE BANCOS ESTRANGEIROS TERIAM PARA FINANCIAR O COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

Gleizer: por trás da tranquilidade do mercado, está a aposta de que o governo vai implementar o ajuste fiscal

cumprir como fonte adicional de financiamento, que faz com que o ajuste seja mais suave."

Levantamento apresentado pelo diretor mostra que em 28 de fevereiro as linhas de financiamentos estran-

geiros banco a banco eram de US\$ 21,9 bilhões. Além disso, as linhas entre bancos e empresas somam US\$ 20,05 bilhões. Ao todo são US\$ 42 bilhões que estariam disponíveis para o Brasil financiar suas exportações.

"Imagine que todas as linhas sejam de seis meses e que elas sejam renovadas. Já são US\$ 80 bilhões, o que é mais do que o valor das importações e exportações. Vamos começar a receber agora números das taxas de ro-

lagem posteriores à nossa viagem (aos Japão, EUA e Europa). Nas primeiras semanas de março, antes da viagem, as linhas para comércio americano já tinham crescimento acima de 100%. Mas muitos bancos estavam querendo ver de fato o programa com o FMI aprovado, as medidas implementadas", observa o diretor do BC.

RESERVAS

Gleizer garante que, com o câmbio flutuante, as reservas internacionais deixaram de ser um critério fundamental para a captação do governo. Na avaliação do diretor do BC, o atual nível de divisas, no total de US\$ 34,5 bilhões, é suficiente para o País num regime de câmbio flutuante. Isso porque o Banco Central não precisa de tantos recursos para defender uma cotação.

"A quantidade de reservas está basicamente constante. O que varia é o preço. Essa é a alma do sistema de câmbio flutuante. A idéia é que você está deixando o mercado trazer e levar o dinheiro da forma que parece mais adequada, e o câmbio está sendo a variável de ajuste. Acontece que nesse primeiro momento, com o mercado pouco líquido, isso causa um excesso de volatilidade, o que é prejudicial", observa o diretor, ressaltando que as reservas hoje têm uma importância muito menor do que quando havia câmbio fixo.

Na avaliação de Gleizer, o BC está fazendo a coisa certa ao intervir no mercado de câmbio como vem fazendo no momento. "Usar os capitais de curto prazo para trazer o câmbio de volta, baseado na garantia de que o dever de casa do lado fiscal está sendo feito, não me parece errado. É preciso prover o mercado que nunca trabalhou com taxa flutuante de alguma liquidez, para que as pessoas começem a aprender as regras do jogo".

O diretor do BC disse que gostaria que a taxa de câmbio voltasse para um patamar considerado de equilíbrio. "Nossos números são, mais ou menos, os R\$ 1,70 que estão no programa".